

Turismo de base comunitária e resiliência socioecológica em espaços territoriais protegidos e adjacências: uma revisão de metodologias aplicadas

Community-based tourism and socio-ecological resilience in protected areas and surroundings: a review of applied methodologies

Rodrigo Zomkowski Ozorio

Doutorando em Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

rodrigo.ozorio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4750-1358>

Artigo recebido a 20 de setembro de 2022 e aprovado a 11 de novembro de 2022

Resumo

O presente artigo consiste em uma revisão das metodologias aplicadas em estudos cujo foco central é a análise da relação do Turismo de Base Comunitária (TBC) e a Resiliência Socioecológica (RSE) em espaços territoriais protegidos e adjacências. Para tal, foram selecionados artigos revisados por pares, com um recorte temporal de 2010 a 2021, utilizando-se as bases de dados Web of Science e Science Direct. O escopo temático dos periódicos indica a transdisciplinaridade do TBC e da RSE, comprovando a utilização da última como chave analítica em vários domínios do conhecimento. Os estudos caracterizaram-se, em sua maioria, pela análise de fatores lentos de mudança e por recortes temporais curtos. A prevalência foi de estudos de natureza qualitativa, com a utilização da metodologia de estudos de casos e a aplicação de múltiplos métodos de recolha de informação. Dentre os métodos de análise de informação, houve predomínio da análise de conteúdo (content analysis) e teoria fundamentada (grounded theory). Constatou-se que a maior parte dos estudos baseou-se em quadros conceituais compilados a partir de variados autores. Existem lacunas de investigação de estudos longitudinais, de metodologias de natureza mista (qualitativa e quantitativa), de análises em distintas escalas geográficas, de análises que comparem percepções de atores variados e abordagens de pesquisa-ação. Ademais, evidenciou-se um crescente interesse pela temática TBC x RSE nos anos recentes, assim como a necessidade de uma maior cobertura de estudos em territórios caracterizados pela alta sociobiodiversidade e pela presença da atividade turística.

Palavras-chave: turismo de base comunitária, ecoturismo, resiliência socioecológica, resiliência comunitária, revisão de literatura.

Abstract

This article is a review of methodologies applied in studies whose central focus is the analysis of the relationship between Community-based Tourism (TBC) and Socioecological Resilience (SER) in communities located in protected areas and surroundings. For this, peer-reviewed articles were selected, with a time frame from 2010 to 2021, using the Web of Science and Science Direct databases. The thematic scope of the journals indicates the transdisciplinary nature of TBC and SER, proving the use of the latter as an analytical key in various domains of knowledge. The studies were mostly characterized by the analysis of slow drivers of change and short time frames. Qualitative nature studies were prevalent, as well as the ones that used the methodology of case studies and the application of multiple methods of collecting information. Among the methods regarding information analysis, there has been a predominance of content analysis and grounded theory. It was found that most of the studies were based on conceptual frameworks compiled from various authors. There are research gaps in longitudinal studies, in mixed methodologies (qualitative and quantitative), in analysis at different geographic scales, in analysis comparing perceptions of different actors, as well as action research approaches. Furthermore, there has been a growing interest in the topic TBC x SER in recent years, as well as the need for greater coverage of studies in territories characterized by high socio-biodiversity and the presence of tourism activity.

Keywords: community-based tourism, ecotourism, socioecological resilience, community resilience, scoping review.

1. Introdução

Na esteira do advento do paradigma do desenvolvimento sustentável floresceram concepções alternativas de turismo – como o Turismo de Base Comunitária – preocupadas com o protagonismo das comunidades locais na atividade turística. O momento era de globalização das questões ambientais e resultou na emergência de intensos debates acerca da sustentabilidade do turismo (Mowforth & Munt, 1998). O envolvimento da população local foi visualizado como uma estratégia para a sustentabilidade da atividade, bem como um direito das pessoas do lugar – os mais afetados pelos resultados, positivos ou negativos do turismo (Peralta, et al., 2016). Nas décadas subsequentes, o crescimento da atividade turística nos espaços rurais e territórios protegidos foi significativo (Mowforth & Munt, 2021) e com isso a necessidade de se reconhecer a complexidade, as incertezas e as mudanças inerentes à atividade (Strickland-Munro, Allison & Moore, 2010), bem como entender as estratégias de adaptação destas populações que adotaram o turismo como um meio de vida (Ruiz-Ballesteros, 2011).

A perspectiva da resiliência passou a ser incorporada aos estudos relacionados ao turismo (Cochrane, 2010; Strickland-Munro et al., 2010; Espeso-Molinero & Pastor-Alfonso, 2020; Ruiz-Ballesteros, 2011), de forma a trazer um olhar complementar e fundamental ao debate acerca da sustentabilidade da atividade (Ruiz-Ballesteros, 2011; Espiner, Orchiston & Higham, 2017). Na ilha da Floreana, arquipélago de Galápagos, Ruiz-Ballesteros e Tejedor (2020) buscaram uma maior compreensão do efeito do TBC sobre a resiliência comunitária, concentrando a análise na diversificação das atividades produtivas e na participação comunitária. Em Oaxaca, no México, Perevochtchikova et al. (2018) analisaram a relação entre a diversificação produtiva - incluindo o ecoturismo - e o uso dos recursos naturais em 4 comunidades rurais, ao passo que Gáscón & Manani (2021) estudaram no destino de turismo comunitário ilha de Amantaní, Lago Titicaca, questões de vulnerabilidade durante a crise da COVID-19. Em comunidades Mapuches dos Andes Chilenos, Torres-Alruiz, Pilquimán & Henríquez-Zúñiga (2018) analisaram a relação entre TBC e ação política na manutenção e fortalecimento da resiliência nos territórios.

O presente artigo tem como foco uma revisão de metodologias. O objetivo é identificar as principais

abordagens metodológicas e métodos empregados nos estudos que investigam a relação entre TBC e RSE/RC em contextos de comunidades localizadas em territórios protegidos ou em suas adjacências. Que domínios do conhecimento têm vindo a interessar-se pela análise da relação TBC e RSE/RC? Que regiões geográficas têm sido contempladas pelos estudos? Qual a natureza destas investigações, seu recorte temporal e que métodos de recolha e análise são utilizados de forma predominante? Estas são algumas das perguntas que a presente revisão buscou responder. À luz das informações encontradas, realizou-se uma conclusão centrada nas lacunas e nas oportunidades de aplicação metodológica em futuras investigações. Os acontecimentos recentes em escala global jogaram luz à necessidade de reforçar a pesquisa na atividade turística de forma a aumentar a compreensão acerca da natureza dos seus impactos. Busca-se, assim, apoiar estudantes e pesquisadores interessados em informações úteis ao desenho metodológico de investigações relacionadas às temáticas transdisciplinares da resiliência e da sustentabilidade no turismo.

2. A resiliência no contexto do Turismo

A resiliência é um campo de estudo complexo que teve sua origem nos domínios da ecologia no início dos anos 70. Desde então, tem tido seu escopo ampliado, influenciando trabalhos e discussões em diversas áreas do conhecimento (e.g engenharia, antropologia, economia, psicologia, ciências ambientais, gestão, ciências do risco, sociologia etc.) (Folke, 2016). São, portanto, múltiplas as lentes pelas quais o conceito da resiliência é discutido, entendido e aplicado.

No campo das ciências sociais, Adger (2000) contribuiu para aprofundar a discussão da resiliência, argumentando que “a resiliência social está relacionada à capacidade das comunidades de lidar com o estresse externo ou distúrbios resultantes de mudanças sociais, políticas e ambientais”. O autor defende que a resiliência social é uma questão central para o desenvolvimento sustentável.

O conceito de sistemas socioecológicos (SES) como uma abordagem integrada do ser humano na natureza começou a ser utilizado por Berkes & Folke (1998) e relacionado com o conceito de resiliência. A abordagem socioecológica enfatiza que os seres

humanos (pessoas, comunidades, economias, sociedades, culturas) são parte integrada da biosfera e moldam os ecossistemas ao mesmo tempo que são fundamentalmente dependentes da capacidade da biosfera de sustentar o desenvolvimento humano (Folke, 2016). A partir desta perspectiva, a resiliência é entendida como “a tendência de um SES, sujeito a mudanças, permanecer dentro de um domínio de estabilidade, mudando e adaptando-se continuamente, mas permanecendo dentro de limites críticos (Folke et al., 2010)”. Adaptação e transformação são prerequisites para a resiliência de um SES, onde a adaptação se refere às ações humanas que sustentam o desenvolvimento nos caminhos atuais do sistema, enquanto a transformação é sobre a mudança do desenvolvimento para outros caminhos emergentes, ou até mesmo a criação de novos (Folke, 2016).

Outro enfoque da resiliência que possui proximidade semântica com o conceito de resiliência socioecológica é a perspectiva da resiliência comunitária. Magis (2010) define a resiliência comunitária como “a existência, desenvolvimento e engajamento de recursos da comunidade para prosperar em um ambiente caracterizado pela mudança, incerteza e imprevisibilidade”. Para Berkes & Ross (2013), a resiliência comunitária é uma aplicação contextual da resiliência socioecológica.

Nos estudos no campo do turismo, as aplicações da teoria da resiliência chegaram na viragem do milênio. Tyrrell & Johnston (2008) argumentam a resiliência no campo do turismo como “a capacidade dos sistemas sociais, econômicos ou ecológicos de se recuperarem do estresse induzido pelo turismo”. Devido ao fato de a atividade fazer parte de um sistema complexo, operado em múltiplas escalas espaciais e temporais e baseado na interdependência de inúmeros setores, atores e recursos; acadêmicos defendiam nova atitude no campo da pesquisa em turismo, de forma a incorporar análises a partir da teoria dos sistemas complexos (Baggio, 2008; Lacitignola et al., 2007; Farrell & Twining-Ward, 2004).

Farrell & Twining-Ward (2004) argumentam que, para o turismo realizar a transição para a sustentabilidade, os profissionais precisam entender os sistemas por meio de abordagens integrativas e não lineares; caso contrário, os resultados serão distorcidos. Baggio (2008) também apontava para essa necessidade, criticando que tais modelos simplificavam a realidade.

A primeira década do século XXI, portanto, presenciou um crescimento do interesse dos acadêmicos ligados ao turismo em adotar do conceito da resiliência nas investigações em curso (Farrell & Twining-Ward, 2004; Tyrrell & Johnston, 2008; Baggio, 2008; Strickland-Munro, Allison & Moore, 2010). Segundo Bec et al. (2016a), em trabalho de revisão acerca da resiliência na atividade turística, as temáticas principais investigadas neste período estão relacionadas à investigação da capacidade de respostas a choques de curto prazo – como crises e desastres – bem como análises que costumam olhar para o sistema pós-colapso ou para sistemas altamente vulneráveis. Segundo os autores, outros enfocaram a importância e a necessidade de capacitação, gestão adaptativa e governança adaptativa dentro do setor de turismo.

A partir de 2010, os estudos relacionados ao turismo em áreas protegidas ou nos espaços rurais passaram incorporar a perspectiva da resiliência (Cochrane, 2010; Strickland-Munro et al., 2010; Espeso-Molinero & Pastor-Alfonso, 2020; Ruiz-Ballesteros, 2011). O crescimento e expansão da atividade nestes espaços foi significativa nas últimas décadas (Mowforth & Munt, 2021), sendo necessário avaliar seus efeitos junto às comunidades e territórios. Strickland-Munro, Allison & Moore (2010) defendem que para investigar os impactos nas comunidades decorrentes do turismo em um contexto de áreas protegidas, faz-se fundamental reconhecer a complexidade, as incertezas e as mudanças inerentes à atividade.

O turismo promove mudanças de ordem socioeconômica, cultural e ambiental nos espaços onde ocorre e os impactos decorrentes da atividade derivam de complexas interrelações entre as comunidades anfitriãs, turistas, operadores e o ambiente natural, especialmente em sociedades que são altamente dependentes dos recursos naturais locais para sua subsistência (Aswani et al., 2015). Nesse sentido, é importante a adoção de princípios de avaliação da resiliência por uma lente dos sistemas socioecológicos, possibilitando englobar uma abordagem inclusiva e integrativa (Espiner et al., 2017).

O desenvolvimento sustentável só pode ser alcançado em sistemas socioecológicos suficientemente resilientes (Ruiz-Ballesteros, 2011). Espiner, Orchiston & Higham (2017) sugerem que a resiliência é uma dimensão inerente ao turismo sustentável e

precisa ser reconhecida como tal e incorporada nos processos de planejamento do turismo. Os autores defendem que a falha em incorporar medidas de resiliência nestes contextos geram uma representação errônea do fenômeno da sustentabilidade. A teoria da resiliência torna-se, portanto, importante para compreender a capacidade das comunidades de desenvolver o turismo de maneira sustentável (Joseph & Baxter, 2013).

3. Turismo de Base Comunitária

Desde o final dos anos 80, a partir da aurora do paradigma do desenvolvimento sustentável, concepções como o Turismo de Base Comunitária (TBC) originaram-se como alternativas ao modelo turístico hegemônico (Stronza et al., 2019), que se desenvolvia de forma desordenada, predatória, acarretando elevados custos ambientais e sociais. O momento era de globalização das questões ambientais e resultou na emergência de intensos debates acerca da sustentabilidade do turismo (Mowforth & Munt, 2021). Projetos e iniciativas de turismo preocupadas com o envolvimento de comunidades locais

proliferaram em contextos territoriais diversos, sobretudo nos países em desenvolvimento (Maldonado, 2009), recebendo apoio financeiro e assessoria técnica de ONGs ambientalistas, agências de cooperação, bancos multilaterais, governos e empresas (Romero-Brito, Buckley & Byrne, 2016).

Na agenda das instituições conservacionistas, a atividade tornou-se popular, sendo adotada como estratégia de viés de mercado no suporte à proteção da biodiversidade (Salafsky et al., 2001; Kiss, 2004). Estas concepções de turismo alternativo como o turismo de base comunitária (TBC) foram vistas como uma ferramenta capaz de gerar importantes benefícios locais, como possibilidade de geração de emprego e renda, melhoria da qualidade de vida, capacitação, treinamento e aprendizagem de novas habilidades, empoderamento local, oportunidades para mulheres e jovens (Eagles et al., 2002; UNWTO, 2020).

Na América Latina, os principais fatores ligados à origem do TBC – e suas derivações – estiveram relacionados à agenda conservacionista (incentivo à conservação dos recursos naturais e das áreas protegidas); às estratégias de redução de pobreza e

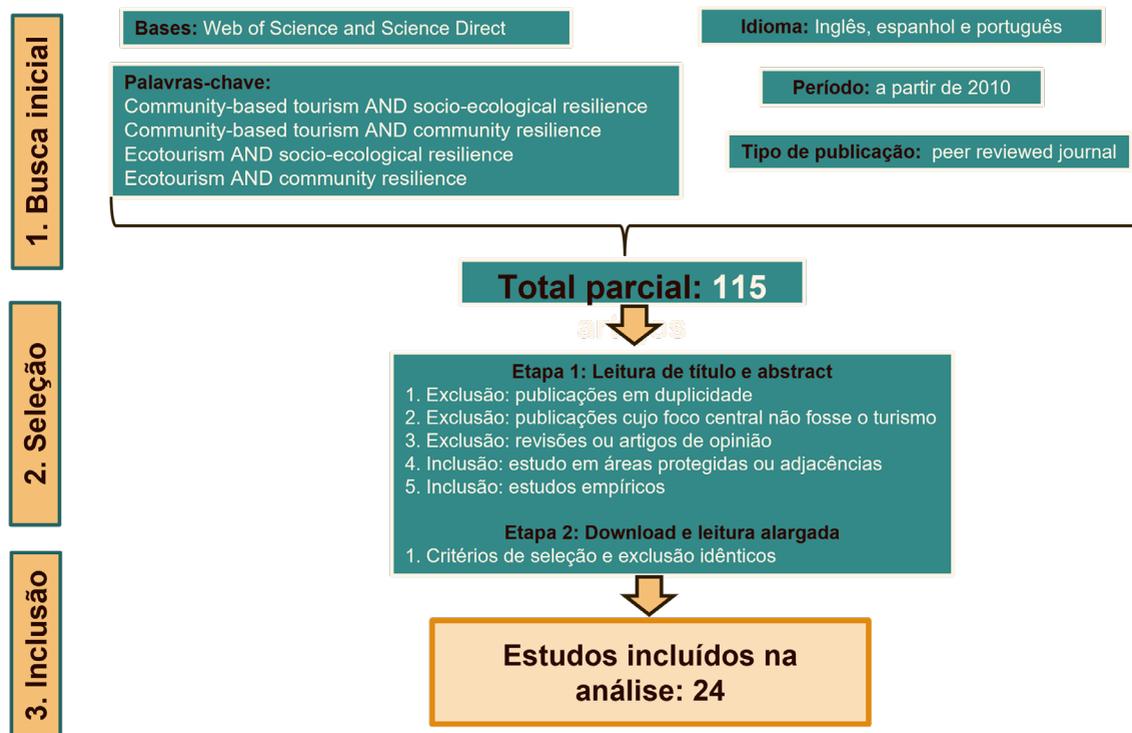


Figura 1
Esquema do método aplicado para a inclusão dos artigos na análise
Fonte: elaboração própria

dinamização da economia rural; à luta pela posse da terra; à estratégia política dos movimentos indígenas e do campo e como uma resposta à pressão do mercado turístico (Maldonado, 2009). Em razão da diversidade sociocultural e ambiental dos territórios onde ocorre, o TBC não é um conceito homogêneo, pelo contrário, envolve distintos olhares e perspectivas, arranjos e formatos de gestão. No entanto, há convergências de entendimento no que se relaciona ao papel da comunidade na atividade, sendo um ponto fulcral para o TBC a centralidade e o protagonismo dos atores locais. O envolvimento da população local é visualizado como uma estratégia para a sustentabilidade da atividade, bem como um direito das pessoas do lugar - os mais afetados pelos resultados, positivos ou negativos do turismo (Peralta et al., 2016).

Em linhas gerais, o TBC é uma forma de fazer turismo que tem como premissa central a participação local no planejamento, desenvolvimento, gestão e acesso a benefícios da atividade (Okazaki, 2008; Maldonado, 2009; Peralta et al., 2016). Dentre os fatores que credenciam o TBC estão o protagonismo da comunidade envolvida; o compromisso com a sustentabilidade em todas as dimensões; o vínculo com o território; a preocupação com o desenvolvimento social e econômico da comunidade receptora e a troca entre visitante e anfitrião baseada na autenticidade (Torres-Alruiz, Pilquimán & Henríquez-Zúñiga, 2018).

Pensado como uma alternativa para comunidades rurais inseridas em sistemas socioecológicos complexos, o TBC traz, inevitavelmente, mudanças a estes territórios. Sendo assim, “articular a resiliência comunitária no curso do desenvolvimento da atividade é importante para garantir que a comunidade tenha a capacidade de se ajustar às mudanças e desafios no meio ambiente, estimular a autoajuda, compartilhar conhecimentos e experiências e, finalmente, desenvolver oportunidades de colaboração interdisciplinar (Ruiz-Ballesteros, 2011)”.

4. Metodologia

Após uma leitura exploratória inicial com foco em artigos relacionados a mudanças sociais e ambientais decorrentes da atividade de Turismo de Base Comunitária, foram definidos os termos de consulta para a presente pesquisa. As palavras-chave iniciais utilizadas para a prospecção dos artigos foram Turismo de Base Comunitária e Resiliência

Socioecológica, sendo posteriormente incluídos na busca — devido à proximidade semântica dos conceitos — os termos Ecoturismo e Resiliência Comunitária (Figura 1). A consulta foi realizada nas bases de dados Web of Science e Science Direct; nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa. A pesquisa considerou somente artigos científicos revisados por pares (*peer reviewed*). Um total inicial de 115 artigos científicos surgiu como resultado da primeira consulta.

Com base na leitura do título e do abstract, foram aplicados critérios para inclusão e exclusão dos artigos. Foram excluídos artigos em duplicidade; publicações cujo foco central não fosse o turismo e artigos de revisão ou de opinião. Como critérios de inclusão foram considerados artigos publicados a partir de 2010; estudos centrados na relação TBC x Resiliência Socioecológica, ou seja, devia estar claro que o turismo era o foco da análise (e não uma atividade secundária); c) estudos realizados em contextos de comunidades inseridas em Áreas Protegidas ou nas suas adjacências; d) estudos de natureza empírica. Após a aplicação dos critérios mencionados, os artigos foram inseridos na plataforma Mendeley para uma leitura mais detalhada (scanning). Ao final da aplicação deste método, 24 artigos foram incluídos na análise.

5. Análise e discussão

Os estudos analisados foram publicados em 15 periódicos distintos com escopo temático variado, a saber: ciências agrárias e estudos rurais, gestão, geografia, sustentabilidade e estudos do ambiente, sociologia e turismo. Tal variedade mostra a utilização da resiliência como chave analítica em muitos domínios do conhecimento, evidenciando a natureza transdisciplinar da temática. É possível afirmar o mesmo a respeito do conceito de Turismo de Base Comunitária, que é analisado a partir de distintas lentes do conhecimento, característico de uma temática que permeia inúmeras disciplinas. No entanto, destaca-se que o periódico que teve mais representatividade em número de artigos foi o *Sustainability*, com 6 publicações, uma publicação interdisciplinar que abrange estudos ligados às ciências da sustentabilidade. O segundo foi um dos periódicos mais importantes ligados aos estudos do fenômeno turístico, o *Journal of Sustainable Tourism*, com 3 publicações. Dentre os autores, Esteban

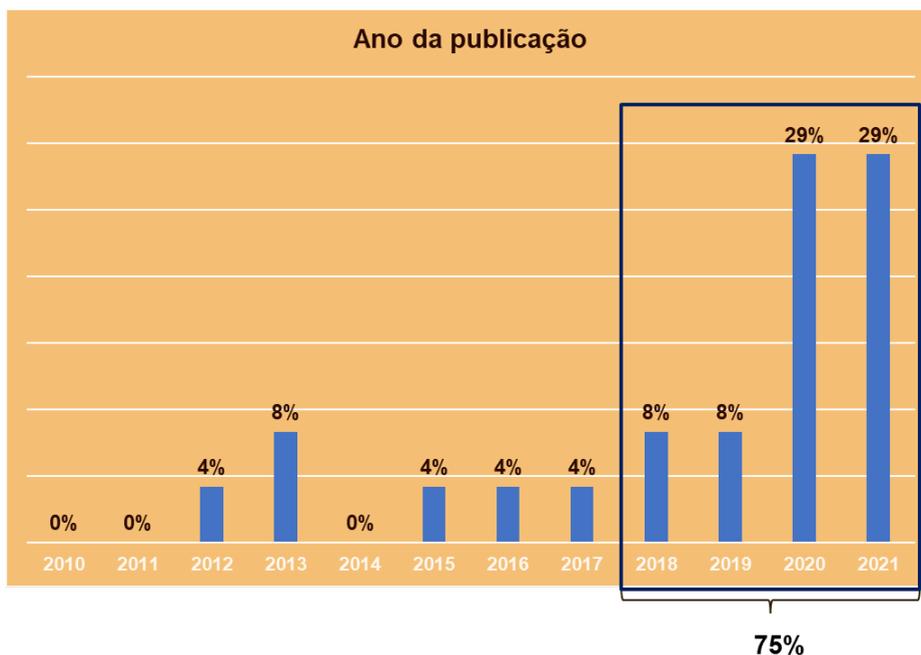


Figura 2
Frequência das publicações a partir de 2010
Fonte: elaboração própria

Ruiz-Ballesteros e Robert B. Powell tiveram a maior participação, com 3 trabalhos publicados cada um.

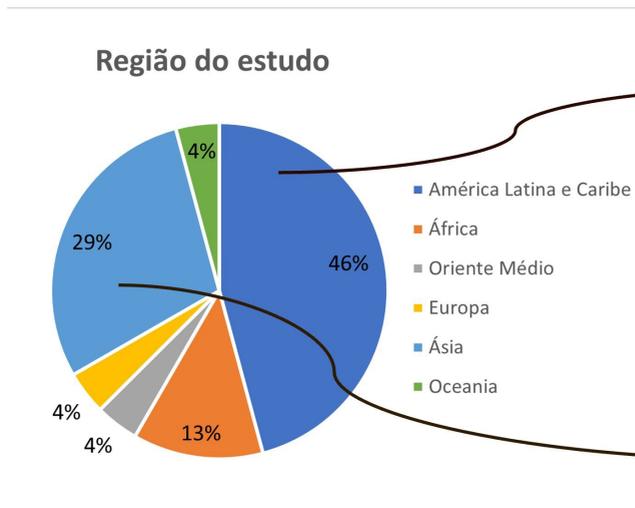
A análise deixou evidente que o tema da resiliência no contexto do Turismo de Base Comunitária tem tido um interesse crescente na academia nos últimos anos, com uma concentração de 75% dos estudos no período de 2018 a 2021. Vale destacar que os 2 últimos anos concentraram 58% do total das publicações, possivelmente em decorrência da influência do contexto pandêmico que trouxe a discussão sobre a resiliência para a ordem do dia em diversos setores da sociedade, incluindo a atividade turística, altamente impactada pela crise sanitária.

A região mais coberta por estudos foi a América Latina e o Caribe, com um total de 46% dos artigos publicados; seguida Ásia (29%), África (13%), Oriente Médio e Europa com 4% cada. Taiwan teve o maior número de estudos (3), seguidos da Indonésia, Equador, Peru, México, Chile e Dominica com 2 artigos cada. A distribuição geográfica das publicações mostra que existem regiões com lacunas de informação relacionadas à relação TBC x RSE – tais com a região Amazônica ou biomas expressivos do continente Africano, por exemplo – onde a atividade turística em contexto de comunidades tradicionais ocorre de forma significativa há décadas. Assim, estudar os

efeitos do TBC na resiliência destes territórios reves-te-se de importância num momento em que reflexões mais aprofundadas acerca da sustentabilidade têm sido reivindicadas.

O enfoque dado pelos estudos no que diz respeito à análise da resiliência teve o predomínio de análises focadas em fatores lentos de mudança (slow drivers), os quais concentraram quase 67% dos artigos (e.g como determinado SSE responde às mudanças induzidas pelo turismo; mudanças climáticas em destinos turísticos, entre outros), enquanto 33% concentraram-se nos fatores rápidos de mudança, tais como as crises (e.g COVID-19) e os desastres naturais.

No que se relaciona à natureza metodológica dos estudos, foi possível constatar a prevalência de estudos com abordagem qualitativa, representando quase 80% das publicações. O enfoque quantitativo representou 13% dos estudos realizados, ao passo que abordagens mistas apenas 7%. Igualmente predominantes foram os estudos cuja análise temporal concentrou-se no curto termo (79%). As análises de longo termo, que permitem avaliar de forma mais abrangente a evolução da relação TBC e RSE ao longo dos anos, representaram somente 21% das pesquisas, o que evidencia a lacuna de estudos desta natureza.



País	
Equador	2
Perú	2
Chile	2
México	2
Dominica	2
Nicarágua	1
África do Sul	1
Kenya	1
Gana	1
Jordânia	1
China	1
Taiwan	3
Indonésia	2
Nepal	1
Ilhas Salomão	1
Espanha	1

Figura 3
Distribuição geográfica dos artigos analisados
Fonte: elaboração própria

Considerando que o TBC vem sendo fomentado, desde os anos 90, como uma alternativa de se desenvolver a atividade de turismo de forma responsável com os meios de vida das populações locais, estudos de longo prazo são de grande relevância para aferir os resultados desta estratégia amplamente adotada e apoiada.

Foi também possível identificar na análise que a metodologia de Estudos de Caso foi a mais recorrente nos estudos (83%), sendo que pouco mais de metade dos estudos de caso (55%) concentraram-se num único caso (one-site), como por exemplo Ruiz-Ballesteros & Ramos-Ballesteros (2019) que estudaram como a RSE relaciona-se com as práticas cotidianas dos agregados familiares numa comunidade costeira do Equador. Por volta de 45% dos estudos de caso optaram por realizar a análise em vários sítios de uma determinada localidade, buscando assim, estabelecer análises comparativas, tal qual Joseph & Baxter (2013), que, na ilha de Dominica, compararam 6 comunidades apoiadas por um Programa da União Europeia destinado a financiar projetos de TBC.

Com relação aos métodos utilizados, constatou-se que a maior parte (71%) realizou uma combinação de múltiplos métodos e técnicas. As entrevistas

foram utilizadas na quase totalidade dos estudos (95%), sendo as semiestruturadas as mais representativas. Os inquéritos, por sua vez, estiveram em 42% das pesquisas realizadas. Estudos que contemplaram enfoque quantitativo utilizaram inquéritos em forma de escala Likert, tais como Joseph & Baxter (2013); Holland et al. (2021) e Weis, Chambers & Holladay (2021). Estudos cujo método adotado baseou-se em análises de histórias de vida representaram quase 30% do total e concentraram-se, sobretudo, na América Latina, com Ruiz-Ballesteros & del Campo Tejedor (2020); Ruiz-Ballesteros & Ramos-Ballesteros (2019); Pilquimán-Vera, Cabrera-Campos & Tenorio-Pangui (2020) e Torres-Alruiz, Pilquimán & Henríquez-Zúñiga (2018).

Grupos focais e workshops participativos para recolha de informações coletivas foram realizados em quase metade dos estudos (46%). Holland et al. (2021) optaram pelos anciãos como público-alvo dos grupos focais; por sua vez, Díaz-Aguilar & Escalera-Reyes (2020) aplicaram a técnica voltada para núcleos familiares empreendedores da atividade de TBC. O método de mapeamento participativo também foi utilizado, ainda que em menor quantidade e a metodologia de investigação-ação em somente 4% dos estudos.

Quadro 1

Frequência dos métodos utilizados nos estudos	
Múltiplos métodos	71%
Estudo de caso	83%
One-site	55%
Multi-site	45%
Etnografia	29%
Entrevistas	95%
Inquéritos	42%
Grupos focais/Worshops participativos	46%
Observação participante	58%
Mapeamento participativo	13%
Investigação-ação	4%

Quanto aos métodos de amostragem, a maior parte dos estudos não detalhou como foi feita a amostragem. No entanto, a amostragem por bola de neve foi a mais utilizada (21%), seguida da propositiva (13%), por conveniência (8%) e aleatória (4%).

No que se refere à análise dos estudos de caráter qualitativo, os estudos que utilizaram os fundamentos da análise de conteúdo (content analysis) foram os mais comuns, seguidos da teoria fundamentada (grounded theory). Entre os estudos quantitativos, a análise de componentes principais (principal component analysis) foi a principal.

Uma variedade significativa de modelos conceituais foi utilizada para orientar/apoiar as investigações realizadas, demonstrando a complexidade e diversidade de abordagens no que se relaciona à temática da resiliência. No entanto, contou-se que a maior parte dos trabalhos realizou compilações a partir de múltiplos autores para a definição das categorias de análise que compuseram o desenho da pesquisa.

Joseph & Baxter (2013), por exemplo, a partir de uma extensa revisão bibliográfica, definiram 4 domínios da resiliência (social, governança, econômica e ecológica) e suas respectivas medidas (a partir de autores variados) para avaliar a percepção dos residentes acerca da resiliência na Dominica. Por sua vez, Torres-Alruiz, Pilquimán & Henríquez-Zúñiga (2018) em comunidades Mapuches dos Andes Chilenos, analisaram o papel do TBC mapuche na manutenção e fortalecimento da resiliência realizando uma compilação de categorias de análise de resiliência socioecológica propostas por distintos autores (a saber: Berkes et al., 2003; Folke, 2003; Berkes & Seixas, 2005) e chegaram à conclusão da necessidade de se incluir uma abordagem

adicional para o contexto Mapuche (abordagem situada), argumentando que a RSE não é suficiente para compreender os significados que o TBC tem como ação política para os Mapuche em um “contexto histórico de luta e resistência, dos processos de despossessão territorial, das mudanças nos modos de vida, e da destruição de identidade que persistem nas políticas do neoliberalismo multicultural do atual governo chileno”.

Outros trabalhos, por sua vez, optaram pela escolha de um modelo conceitual específico, como é o caso de Musavengane & Kloppers (2020) que aplicaram o modelo de resiliência sistêmica desejado para co-gestão de recursos naturais em comunidades tribais (Musavengane, 2019) em um estudo de caso na área protegida Somkhanda Community Game Reserve, África do Sul, com o objetivo de identificar quais as melhores relações entre capital social e resiliência comunitária para o fomento de esquemas de TBC.

Alguns estudos destacam-se pela proposta metodológica diferenciada e têm servido de referência a outros. Holladay & Powel (2013) realizaram uma investigação em seis comunidades da ilha caribenha de Dominica que haviam recebido investimentos da União Europeia para o desenvolvimento do turismo comunitário. Os autores tinham o objetivo de conhecer as percepções dos residentes sobre as resiliências sociais, institucionais, econômicas e ecológicas dos territórios, realizando também uma comparação entre as comunidades. Uma abordagem metodológica quantitativa foi utilizada, onde uma escala Likert foi criada a partir de uma metodologia proposta por Devellis (2003). Análises estatísticas tornaram possível inferir os níveis de resiliência e sustentabilidade encontrados nestas comunidades e a influência potencial que isso terá no desenvolvimento do turismo. Posteriormente, a metodologia deste foi adaptada e aplicada em outros contextos.

Jamaliah & Powell (2018), por exemplo, adaptaram a metodologia para examinar como as dimensões sociais, ambientais, de governança e econômicas da resiliência suportam a capacidade ecoturismo de resistir ou se adaptar às mudanças climáticas. Na Reserva Nacional Maasai Mara, Quênia, por Holland et al. (2021) também utilizaram-na com adaptações, e adicionalmente, aplicaram métodos qualitativos. O estudo de natureza mista teve como objetivo avaliar a resiliência em 3 comunidades com níveis distintos de TBC (alto, médio e baixo). Além

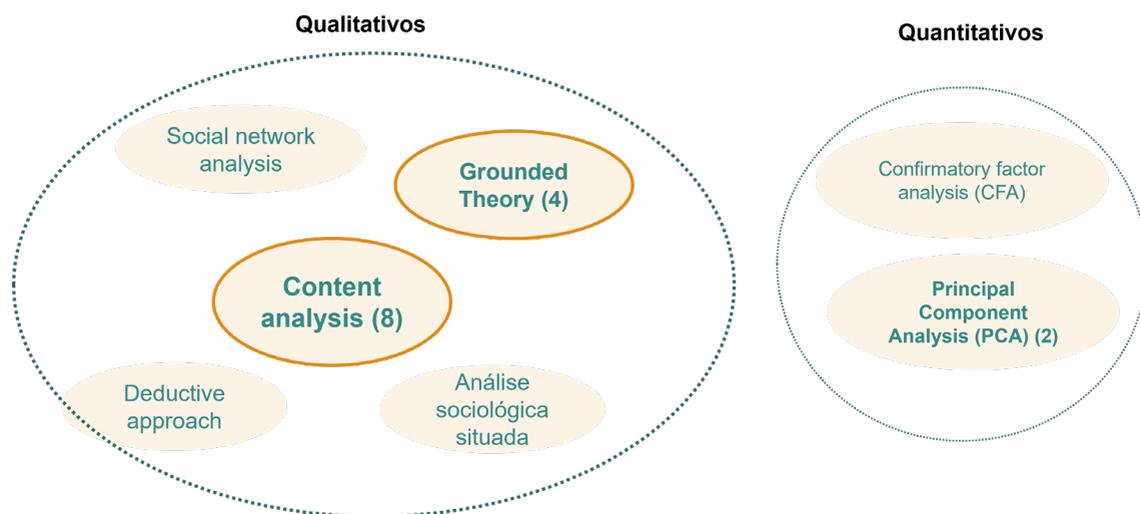


Figura 4
Abordagens mais comumente utilizadas para análise dos dados
Fonte: elaboração própria

dos questionários em escala de Likert utilizados para análises estatísticas, foram realizados grupos focais com anciãos, sendo os dados qualitativos submetidos à análise independente das transcrições para determinar como os comentários apoiaram ou refutaram as descobertas quantitativas.

Na ilha da Floreana, arquipélago de Galápagos, por meio de um estudo etnográfico exploratório e longitudinal, Ruiz-Ballesteros & del Campo Tejedor (2020) buscaram uma maior compreensão do efeito do TBC sobre a sustentabilidade de um SES concentrando a análise em dois fatores ligados à RSE: 1- a diversificação das atividades produtivas; 2- a participação coletiva no turismo. Diversos métodos foram combinados para a análise, a saber: observação direta e participante; análises sociodemográficas e económicas (entrevistas adhoc); estudo institucional completo (sobre organizações e redes) a nível local; entrevistas em profundidade com membros adultos de todas as famílias.

Ainda no Equador, Ruiz-Ballesteros & Ramos-Ballesteros (2019) realizaram um estudo longitudinal que explora as ligações entre o funcionamento do SES e o comportamento humano (práticas) através do foco na performance dos agregados familiares jovens. Os autores realizaram uma observação participante e entrevistas abertas (por casal), a fim de analisar em profundidade: a trajetória do agregado (microbiografia), comportamento demográfico, práticas produtivas, capacidade de conhecimento/aprendizagem local, participação na comunidade (governança),

apego ao lugar, e atitudes em relação ao futuro e no caso de uma crise no SES. Segundo os autores, a proposta analítica teve como objetivo uma compreensão mais consistente das interações socioecológicas heterogêneas dentro de um SES (plasticidade), mostrando como a resiliência está inerentemente ligada às práticas.

Nas Ilhas Salomão, Aswani, Diedrich & Currier (2015) utilizaram uma abordagem geográfica por meio da aplicação de mapeamento participativo. O objetivo do estudo era obter percepções locais espacialmente explícitas a respeito das mudanças ambientais e sociais futuras resultantes do desenvolvimento do turismo, bem como identificar os conflitos potenciais que podem surgir no futuro. A proposta metodológica do estudo é útil para a confecção de planos de manejo para a atividade com vista a buscar a sustentabilidade de destinos com baixos níveis de desenvolvimento turístico, mas que devem receber fluxos futuros.

Por fim, com relação aos resultados gerais encontrados pelos estudos, identificou-se que aproximadamente 45% dos artigos consideraram a relação TBC x RSE predominantemente positiva nos casos analisados, ao passo que 27% consideraram predominantemente negativa e 27% ambivalente.

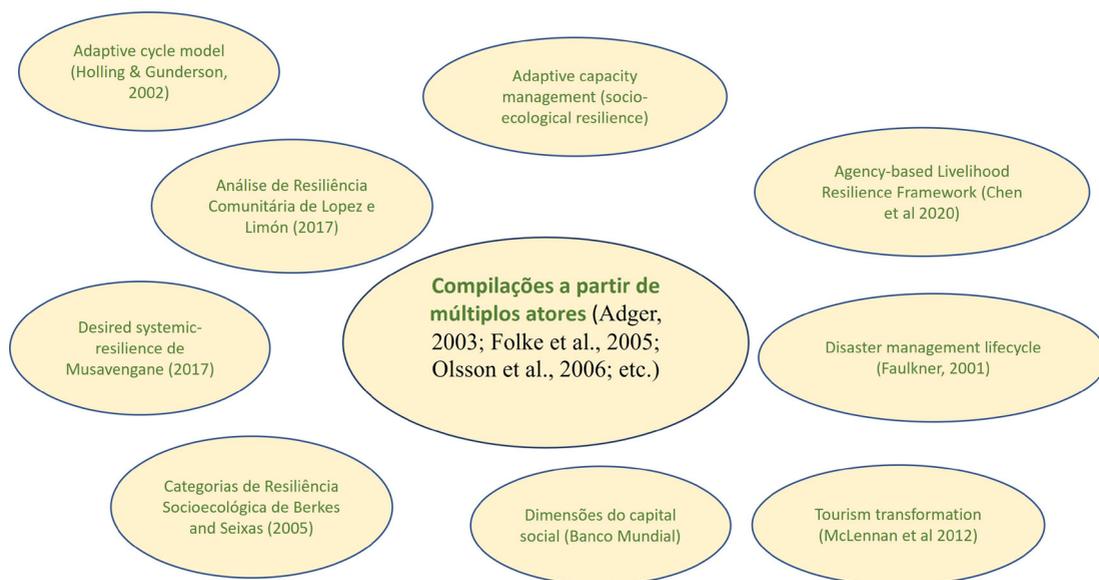


Figura 5
Principais modelos conceituais utilizados nos estudos.
Fonte: elaboração própria.

6. Considerações finais

Análises acerca da resiliência socioecológica no contexto do turismo de base comunitária em territórios protegidos e adjacências tem ganhado mais atenção dos acadêmicos de áreas distintas do conhecimento nos anos recentes, embora ainda sejam numericamente pouco expressivas. A prospecção realizada evidenciou uma lacuna de estudos com o enquadramento TBC x RSE em regiões de conhecido interesse turístico e que ao mesmo tempo se caracterizam pela alta biodiversidade e pela presença de populações tradicionais. Tais análises são relevantes pelo potencial que possuem de contribuir para a avaliação crítica de uma atividade que, desde os anos 90, tem sido apoiada como uma estratégia de diversificação de meios de vida, conservação dos recursos naturais e redução de pobreza. Ademais, dado o fato de o turismo ser uma atividade fortemente afetada pelo mundo que a rodeia e, dessa forma, contribuir para o incremento de riscos e vulnerabilidades nos territórios, reveste-se de importância estudar a relação TBC e a resiliência nestes sistemas socioecológicos.

Estudos longitudinais que permitam avaliar as mudanças geradas ou potencializadas pelo TBC nos SES ao longo do tempo ocorreram em menor número, indicando uma lacuna relevante e possibilidade para

futuras investigações. Tal informação corrobora com Becken (2013) que destacou a importância de abordagens longitudinais, assim como a necessidade de abordagens interdisciplinares para futuras investigações de resiliência em sistemas de turismo. Bec et al. (2016) também argumentam sobre a necessidade de mais pesquisas para explorar como a resiliência comunitária pode ser utilizada como uma ferramenta para responder e gerenciar mudanças estruturais de longo prazo; ao passo que Stronza et al. (2019) identificaram a referida lacuna em uma revisão sobre o estado da arte da pesquisa ligada ao ecoturismo em nível global.

A análise identificou um percentual baixo de estudos que combinam metodologias de pesquisa quantitativa e qualitativa, fato que abre espaço para pesquisas que busquem a complementariedade de abordagens metodológicas. Igualmente, há oportunidades para estudos que analisem e comparem percepções dos residentes dos SES e dos respectivos atores externos que se relacionam com o sistema socioecológico (eg. conservacionistas, representantes do governo, empresários, entre outros). A abordagem de pesquisa-ação participativa, através da qual membros da comunidade, acadêmicos e partes interessadas trabalham colaborativamente para identificar problemas, desenvolver métodos para investigar os problemas, coletar, analisar dados e determinar como avançar na abordagem desses problemas, consiste

também em uma oportunidade metodológica para o tema.

Ressalta-se que a presente revisão concentrou-se em artigos científicos com revisão por pares publicados nas bases Science Direct e Web of Science. Sendo assim, sugere-se que futuras revisões que se interessem por esta temática ampliem o escopo da análise, incluindo uma maior variedade de peças científicas, tais como livros e capítulos de livros, teses e dissertações.

Bibliografia

- Adger, W. N. (2000). Social and ecological resilience: Are they related? *Progress in Human Geography*, 24(3), 347-364. <https://doi.org/10.1191/030913200701540465>
- Aswani, S., Diedrich, A., & Currier, K. (2015). Planning for the future: Mapping anticipated environmental and social impacts in a nascent tourism destination. *Society and Natural Resources*, 28(7), 703-719. <https://doi.org/10.1080/08941920.2015.1020582>
- Baggio, R. (2008). Symptoms of complexity in a tourism system. *Tourism Analysis*, 13(1), 1-20. <https://doi.org/10.3727/108354208784548797>
- Bec, A., McLennan, C. L., & Moyle, B. D. (2016a). Community resilience to long-term tourism decline and rejuvenation: a literature review and conceptual model. *Current Issues in Tourism*, 19(5), 431-457. <https://doi.org/10.1080/13683500.2015.1083538>
- Bec, A., McLennan, C. L., & Moyle, B. D. (2016b). Community resilience to long-term tourism decline and rejuvenation: a literature review and conceptual model. *Current Issues in Tourism*, 19(5), 431-457. <https://doi.org/10.1080/13683500.2015.1083538>
- Berkes, F., & Folke, C. (1998). Linking social and ecological systems for resilience and sustainability. *Linking Social and Ecological Systems*, 1, 13-20.
- Berkes, F., & Ross, H. (2013). Community resilience: Toward an integrated approach. *Society & Natural Resources*, 26, 5-20. <https://doi.org/10.1080/08941920.2012.736605>
- Buckley, R. (2011). Tourism and environment. *Annual Review of Environment and Resources*, 36, 397-416. <https://doi.org/10.1146/annurev-environ-041210-132637>
- Cochrane, J. (2010). The sphere of tourism resilience. *Tourism Recreation Research*, 35(2), 173-185. <https://doi.org/10.1080/02508281.2010.11081632>
- Díaz-Aguilar, A. L., & Escalera-Reyes, J. (2020). Family relations and socio-ecological resilience within locally-based tourism: The case of El Castillo (Nicaragua). *Sustainability (Switzerland)*, 12(15), 8-11. <https://doi.org/10.3390/SU12155886>
- Eagles, P. F. J., McCool, S. F., & Haynes, C.D.A (2002). Sustainable Tourism in Protected Areas: Guidelines for Planning and Management. IUCN Gland, Switzerland and Cambridge, UK.
- Espeso-Molinero, P., & Pastor-Alfonso, M. J. (2020). Governance, community resilience, and indigenous tourism in Nahá, Mexico. *Sustainability*, 12(15), 5973. <https://doi.org/10.3390/su12155973>
- Espiner, S., Orchiston, C., & Higham, J. (2017). Resilience and sustainability: a complementary relationship? Towards a practical conceptual model for the sustainability-resilience nexus in tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 25(10), 1385-1400. <https://doi.org/10.1080/09669582.2017.1281929>
- Farrell, B. H., & Twining-Ward, L. (2004). Reconceptualizing tourism. *Annals of Tourism Research*, 31(2), 274-295. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2003.12.002>
- Folke, C. (2016). Resilience (Republished). *Ecology and Society*, 21(4). <https://doi.org/10.5751/ES-09088-210444>
- Folke, C., Carpenter, S. R., Walker, B., Scheffer, M., Chapin, T., & Rockström, J. (2010). Resilience thinking: Integrating resilience, adaptability and transformability. *Ecology and Society*, 15(4). <https://doi.org/10.5751/ES-03610-150420>
- Gascón, J., Mamani, K. S. (2021). Community-based tourism, peasant agriculture and resilience in the face of COVID-19 in Peru. *Journal of Agrarian Change*, doi: 10.1111/joac.12447.
- Holladay, P. J., & Powell, R. B. (2013). Resident perceptions of social-ecological resilience and the sustainability of community-based tourism development in the Commonwealth of Dominica. *Journal of Sustainable Tourism*, 21(8), 1188-1211. <https://doi.org/10.1080/09669582.2013.776059>
- Holland, K. K., Larson, L. R., Powell, R. B., Holland, W. H., Allen, L., Nabaala, M., Tome, S., Seno, S., & Nampushi, J. (2021). Impacts of tourism on support for conservation, local livelihoods, and community resilience around Maasai Mara National Reserve, Kenya. *Journal of Sustainable Tourism*, 0(0), 1-23. <https://doi.org/10.1080/09669582.2021.1932927>
- Jamaliah, M. M., & Powell, R. B. (2018). Ecotourism resilience to climate change in Dana Biosphere Reserve, Jordan. *Journal of Sustainable Tourism*, 26(4), 519-536. <https://doi.org/10.1080/09669582.2017.1360893>
- Joseph, P., & Baxter, R. (2013). Resident perceptions of social - ecological resilience and the sustainability of community-based tourism development in the Commonwealth of Dominica. *Journal of Sustainable Tourism*, 21(8), 1188-1211. <https://doi.org/10.1080/09669582.2013.776059>
- Lacitignola, D., Petrosillo, I., Cataldi, M., & Zurlini, G. (2007). Modelling socio- ecological tourism-based systems for sustainability. *Ecological Modelling*, 206

- (1- 2), 191-204. <https://doi.org/10.1016/j.ecolmodel.2007.03.034>
- Kiss, A. (2004). Is community-based ecotourism a good use of biodiversity conservation funds?. *Trends in Ecology and Evolution*, 19(5), pp. 232-237. doi: 10.1016/j.tree.2004.03.010.
- Magis, K. (2010). Community resilience: An indicator of social sustainability. *Society and Natural Resources*, 23(5), 401-416. <https://doi.org/10.1080/08941920903305674>
- Maldonado, C. (2009). O turismo rural comunitário na América Latina: Gênese, características e políticas. In: *Bartholo, R.; Sansolo, D.; Bursztyn, I. (Orgs). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*, Rio de Janeiro: Nova Letra, pp. 25-44.
- McLennan, C., Ruhanen, L., Ritchie, B., & Pham, T. D. (2012). Dynamics of destination development: Investigating the application of transformation theory. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 36(2), pp. 164-190. <https://doi.org/10.1177/1096348010390816>
- Mowforth, M., & Munt, I. (2021). Tourism and sustainability. In *Tourism and Sustainability*. <https://doi.org/10.4324/9781315795348-13>
- Musavengane, R., & Kloppers, R. (2020). Social capital: An investment towards community resilience in the collaborative natural resources management of community-based tourism schemes. *Tourism Management Perspectives*, 34 (March 2019), 100654. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2020.100654>
- Okazaki, E. (2008). A community-based tourism model: Its conception and use. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(5), 511-529. <https://doi.org/10.2167/jost782.0>
- Peralta, N. et al. (2016). Histórico do Programa de Turismo de Base Comunitária e da Pousada Uacari. In: *Ozorio, R.Z. et al (Org.), Lições e Reflexões sobre o Turismo de Base Comunitária na Reserva Mamirauá*, IDSM.
- Perevochtchikova, M., Hernández, J. A., y Avila-Foucat, V. S. (2018). Recursos naturales y diversificación productiva en cuatro localidades rurales del Estado de Oaxaca, México. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 15 (81), pp. 1-25. doi: <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cdr15-81.rndp>
- Pilquimán-Vera, M., Cabrera-Campos, G., & Tenorio-Pangui, P. (2020). Experiences of resilience and mapuche community based tourism in the pre-cordilleran territories of panguipulli, southern Chile. *Sustainability (Switzerland)*, 12(3), 13-16. <https://doi.org/10.3390/su12030817>
- Romero-Brito, T. P., Buckley, R. C., & Byrne, J. (2016). NGO partnerships in using ecotourism for conservation: Systematic review and meta-analysis. *PLoS ONE*, 11(11), 1-19. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0166919>
- Ruiz-Ballesteros, E. (2011). Social-ecological resilience and community-based tourism. An approach from Agua Blanca, Ecuador. *Tourism Management*, 32(3), 655-666. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.05.021>
- Ruiz-Ballesteros, E., & del Campo Tejedor, A. (2020). Community-based tourism as a factor in socio-ecological resilience. economic diversification and community participation in floreana (Galapagos). *Sustainability (Switzerland)*, 12(11). <https://doi.org/10.3390/su12114724>
- Ruiz-Ballesteros, E., & Ramos-Ballesteros, P. (2019). Social-ecological resilience as practice: A household perspective from Agua Blanca (Ecuador). *Sustainability (Switzerland)*, 11(20), 1-15. <https://doi.org/10.3390/su11205697>
- Salafsky, N. et al. (2001). A systematic test of an enterprise strategy for community-based biodiversity conservation. *Conservation Biology*, 15, 1585-1595
- Strickland-Munro, J. K., Allison, H. E., & Moore, S. A. (2010). Using resilience concepts to investigate the impacts of protected area tourism on communities. *Annals of Tourism Research*, 37(2), 499-519. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.11.001>
- Stronza, A. L., Hunt, C. A., & Fitzgerald, L. A. (2019). Ecotourism for conservation? *Annual Review of Environment and Resources*, 44(1), 229-253. <https://doi.org/10.1146/annurev-environ-101718-033046>.
- Torres-Alruiz, M. D., Pilquimán, V. M. J., & Henríquez-Zúñiga, C. (2018). Resilience and community-based tourism: Mapuche experiences in pre-cordilleran areas (Puyehue and Panguipulli) of Southern Chile. *Social Sciences*, 7(12). <https://doi.org/10.3390/socsci7120249>
- Tyrrell, T. J., & Johnston, R. J. (2008). Tourism Sustainability, Resiliency and Dynamics: Towards a More Comprehensive Perspective. *Tourism and Hospitality Research*, 8(1), 14-24. <https://doi.org/10.1057/thr.2008.8>
- Weis, K., Chambers, C., & Holladay, P. J. (2021). Social-ecological resilience and community-based tourism in the commonwealth of Dominica. *Tourism Geographies*, 23(3), 458-478. <https://doi.org/10.1080/014616688.2021.1878267>
- UNWTO (2020). Alula Framework for Inclusive Community Development Through Tourism. *World Tourism Organization*, Madrid: Espanha.